

Entre braços e seios GLOBO

A. GOMES DA COSTA

Segundo os jornais, 103 brasileiras foram detidas em Portugal pelo exercício da prostituição. Todas teriam sido “contratadas” por uma quadrilha que atuava clandestinamente no engajamento e tráfico de jovens e as levava para o Norte do país. Aí exploravam o negócio e faziam incursões periódicas para a Galiza e outras terras fronteiriças. As autoridades, que vinham investigando a trama, conseguiram pôr na cadeia os responsáveis pela rede e dismantelar as diversas conexões.

O episódio faz-nos lembrar o que ocorria no Brasil, pelos meados do século XIX, quando chegavam ao Recife os navios cheios de mancebos dos Açores e de Trás-os-Montes, que eram vendidos no cais “como gado”. Os senhores de engenho enviavam os feitores das fazendas à cidade para fazerem a escolha dos melhores e licitá-los a baixo preço. Quando não, os emigrantes já vinham contratados desde a origem: os agentes dos proprietários da terra viajavam a Portugal para aliciar do outro lado do Atlântico os rapazes mais robustos e saudáveis, que estivessem dispostos a “fazer o Brasil”: a passagem era-lhes financiada e pagá-la-iam em prestações, o que estabelecia logo uma relação de dependência que levava anos a desfazer-se; o salário era estipulado sem muita discussão e vendia-se a esperança da fortuna com facilidade entre a pobreza transmontana, esquecida para além do Marão.

Com os movimentos de resgate dos escravos — veio a Lei dos “Sexagenários” e a Lei do “Ventre Livre” e, mais tarde a “Lei Aurea”, que pôs fim à escravatura — as correntes da

imigração dos países mediterrâneos foram aumentando cada vez mais e passaram a cometer-se, por toda a parte, abusos inomináveis contra os trabalhadores estrangeiros que chegavam ao Brasil para substituir a mão-de-obra dos cativos. A tal ponto foram os maus-tratos e a exploração que os relatórios consulares daquela época encheram-se de queixas e denúncias contra o que se passava, o que provocou por parte dos governos dos países de origem uma dupla intervenção: por um lado, tomaram medidas para coibir a saída dos cidadãos sem que lhes fossem asseguradas condições mínimas de acolhimento; e, por outro, cobraram das autoridades do Império uma ação mais enérgica contra os abusos e as violências que se cometiam.

Mas a propósito do desmantelamento da quadrilha que promovia a prostituição para Portugal, o que vem a calhar mesmo é referir o protesto que já em 1843 — portanto, há 150 anos — fazia Rodrigues Sampaio contra a pouca vergonha dos que iam recrutar rapazes e adolescentes nas aldeias de “Entre-Douro-e-Minho” para trabalharem nas roças e traziam, de quebra, moças bonitas e casadoiras, para agradar na cama os senhores de engenho.

Jornalista e político, comprometido com a esquerda liberal, Sampaio foi um panfletário temível que sancava os governos. Ou, pelo menos, desancou-os, enquanto não foi despachado como conselheiro do Tribunal de Contas e empossado como ministro do Reino: — votamos contra o Governo — escrevia ele — porque faz das eleições um leilão, porque dissipou os dinheiros das estradas, porque concede moratórias aos amigos, porque não sabe governar.

Acontece que no jornal “Revolu-

ção de Setembro”, Rodrigues Sampaio, em abril de 1843, referia-se a uma carta recebida de Pernambuco e escrita em dezembro de 1841 que dava conta da chegada ao Recife de um navio proveniente da Ilha de São Miguel, “com cento e quarenta e tantos passageiros, homens e mulheres”. E acrescentava a carta: “Alguns homens foram vendidos a 160 mil réis e moças houveram que foram vendidas a 200 mil réis, unicamente para satisfazerem os apetites brutais e lascivos de seus infames compradores; entre estas uma moça que se dizia virgem foi oferecida por 300 mil réis.” Houve quem oferecesse 200 mil, “mas o capitão não quis dar por menos de 300 mil réis”.

Da comparação dos dois episódios — o de 1841, com as raparigas trazidas para o leilão do Recife, e o de nossos dias, com as moças levadas para os “castelos” das cercanias do Porto, ou para os “embalos” da “Gallery”, inferimos que nesse espaço de tempo podem ter mudado os métodos da contratação e os meios de transporte, os cenários do negócio e os vícios dos vilões, a moeda e os preservativos, mas, no resto, não houve mesmo muitas mudanças.

Antigamente, os capitães dos navios traziam as mulheres para as vender como criadas, para todo o serviço, aos “aristocratas do açúcar” na chegada aos portos nordestinos; agora, são os empresários-cafetões que levam as “meninas de programa” para conquistarem o mercado da Europa e oferecerem os encantos dos trópicos.

Acabou a procura de braços, com certeza, porque há falta de emprego; mas continua a haver a sedução dos seios...

A. Gomes da Costa é presidente do Real Gabinete Português de Leitura.